



Luís Filipe Torgal

**O SOL  
BAILOU  
AO MEIO-DIA  
A CRIAÇÃO DE  
FÁTIMA**

Prefácio  
de Fernando Rosas

**L I S B O A**  
TINTA-DA-CHINA  
MMXVII

*À Lúcia e à Mariana  
À família  
Aos amigos  
Aos alunos de ontem e de hoje  
Ao Sérgio Gouveia*

© 2011, Luís Filipe Torgal  
e Edições Tinta-da-china, Lda.  
Rua Francisco Ferrer, 6A  
1500-461 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30  
E-mail: info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

Título: *O Sol Bailou ao Meio-dia*  
Autor: Luís Filipe Torgal  
Prefácio: Fernando Rosas  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição e capa: Tinta-da-china  
Fotografia da capa: Cova da Iria, no dia 13 de Outubro de 1917  
(foto de Judah Bento Ruah, gentilmente cedida  
pelo Arquivo do Santuário de Fátima)

1.ª edição de bolso:  
Março de 2017  
ISBN 978-989-671-368-3  
Depósito Legal n.º 422617/17

*A História é um romance verdadeiro.*

PAUL VEYNE, *Como Se Escreve a História*, Edições 70, Lisboa, 1983, p. 10

*E assiste-se então a um espectáculo único e inacreditável para quem não foi testemunha dele. Do cimo da estrada, onde se aglomeram os carros e se conservam muitas centenas de pessoas, a quem escasseou valor para se meter à terra barrenta, vê-se toda a imensa multidão voltar-se para o sol, que se mostra liberto de nuvens no zénite. O astro lembra uma placa de prata fosca e é possível fitar-lhe o disco sem o mínimo esforço. Não queima, não cega. Dir-se-ia estar-se realizando um eclipse. Mas eis que um alarido colossal se levanta, e aos espectadores que se encontram mais perto se ouve gritar:*

*— Milagre, milagre! Maravilha, maravilha!*

*Aos olhos deslumbrantes d'aquela povo, cuja atitude nos transporta aos tempos bíblicos [...] — o sol «bailow», segundo a típica expressão dos camponeses.*

AVELINO DE ALMEIDA, «Coisas espantosas! Como o sol bailou ao meio-dia em Fátima», in *O Século*, 15 de Outubro de 1917

*O que víramos no sol era coisa excepcional? Ou reproduzir-se-ia em circunstâncias análogas? Ora precisamente esta analogia e circunstâncias proporcionou-se-nos ontem. Pudemos ver o sol meio toldado, de nuvens, como no sábado. E sinceramente vimos as mesmas sucessões de cores, o mesmo movimento rotativo, etc. [...] Eliminado, pois, o único facto extraordinário, que fica? Por' ora, as afirmações de três crianças e mais nada. É muito pouco.*

A. DE F. [DOMINGOS PINTO COELHO],  
«O caso de Fátima», in *A Ordem*, 16 de Outubro de 1917

*Milagre, como gritava o povo; fenómeno natural, como dizem os sábios? Não curo agora de sabê-lo, mas apenas de te afirmar o que vi... O resto é com a Ciência e com a Igreja...*

AVELINO DE ALMEIDA, «O Milagre de Fátima»,  
in *Ilustração Portuguesa*, 29 de Outubro de 1917

## ÍNDICE

PREFÁCIO: <i>Fátima e a «síndrome de Afonso Costa»</i> .....	11
Nota de apresentação .....	15
Introdução .....	19
CAP. I: <i>As primeiras imagens e representações das aparições da Cova da Iria</i>	
Fátima e a dicotomia ideológica	
clericalismo/anticlericalismo .....	37
13 de Maio de 1917: a aparição de uma «mulher vestida de branco» .....	41
13 de Junho de 1917: um diálogo virtual estabelecido entre Lúcia e uma interlocutora invisível .....	42
13 de Julho de 1917: os primeiros ecos da imprensa sobre o caso .....	43
13 e 19 de Agosto de 1917: o «rpto» dos pastorinhos pelo administrador do concelho de Ourém e a posterior aparição e identificação de «Nossa Senhora» .....	45
13 de Setembro de 1917: o silêncio e o desencanto dos sectores católicos .....	47
13 de Outubro de 1917: o «bailado do sol» e a mediatização das aparições .....	49
CAP. II: <i>A fundação da «Lourdes Portuguesa»</i>	
A terra e os homens .....	59
Génese de um santuário .....	61

CAP. III: *As práticas culturais de Fátima*

Da romaria à peregrinação .....	77
A evolução do culto .....	84
Os mecanismos de propagação do culto .....	92
A «curas extraordinárias» .....	99

CAP. IV: *Fátima e os católicos*

Fátima e a ideia de «renascença católica» .....	121
Fátima e a recristianização nacional .....	137
A restauração da diocese de Leiria e o seu novo bispo .....	142
Manuel Nunes Formigão: o promotor oculto da obra de Fátima .....	149
Uma leitura racionalista de Fátima: João Ilharco no enclavo de Tomás da Fonseca .....	157

CAP. IV: *As metamorfoses do discurso católico fatimista*

O discurso nacionalista católico, anti-republicano e antiateísta .....	167
O discurso universalista católico e anticomunista .....	172
Conclusões .....	179
Notas .....	193
Fontes e bibliografia .....	247
Anexos .....	261

## PREFÁCIO

### *Fátima e a «síndrome de Afonso Costa»*

A Revolução Portuguesa de 1974/75 e o regime democrático que dela saiu fizeram-se e nasceram, no tocante às relações do novo poder político revolucionário com a Igreja Católica, sob a «síndrome de Afonso Costa». Ou seja, sob a preocupação constante de não beliscar a Igreja Católica e de impedir qualquer tipo de questionamento acerca das suas largas cumplicidades com a ditadura, o colonialismo e a guerra colonial.

O PS, o PCP e o MFA de uma forma geral entenderam, assim, passar prudentemente ao largo do magno problema das responsabilidades das principais autoridades eclesiais na sustentação, encolamento, legitimação e apoio ao regime salazarista e à guerra, com o alegado propósito de evitar uma nova «questão religiosa». Isto é, no caso vertente, pretendia-se prevenir o risco de a Igreja Católica vir a mobilizar contra a revolução em marcha uma parte da população mais sensível aos apelos da hierarquia.

Essa não parece sequer ter sido uma posição só das esquerdas antifascistas tradicionais. Nas próprias organizações políticas das esquerdas radicais não se verificou uma atitude diferente. Mesmo no conflito da Rádio Renascença\*, é sabido que foram preocupações sobretudo laborais que ditaram a sua ocupação. E o processo de radicalização política posterior, ainda que voltado contra o padrão eclesial, não teve como eixo qualquer tipo de questão religiosa ou de avaliação crítica do papel da Igreja Católica no passado recente.

A hierarquia da Igreja, essa, aproveitou habilmente o pretexto da Rádio Renascença para apostar no cavalo certo, quando a radicalização do processo revolucionário levou à inelutável divisão das águas entre «moderados»/defensores da «democracia à europeia»/Grupo

\* Cf. Paula Borges *Igreja Católica, Estado e Sociedade 1968-1975: O Caso Rádio Renascença*, Lisboa, ICS — Imprensa de Ciências Sociais, 2005.

dos 9, PS, direita, extrema-direita, etc. (e este foi, previsivelmente, o campo escolhido pelos bispos) de um lado, e o campo das várias versões defensoras da «revolução socialista», do outro. O cardeal-patriarca e boa parte da hierarquia, logo que ficou resolvida a questão da Rádio Renascença, recolheram-se a uma postura discreta ainda antes do «25 de Novembro». Outros bispos e clérigos nortenhos, pelo contrário, participarão activamente na mobilização anticomunista do «Verão quente», incluindo, em certos casos, a cobertura às actividades terroristas da extrema-direita.

Fosse como fosse, a Igreja Católica saía praticamente incólume dos abalos da revolução. Na realidade, interna e externamente menos marcada por esta do que pela influência perturbadora do Concílio Vaticano II, uma década antes. Mesmo a controversa questão da revisão da Concordata de 1940 para a concessão do divórcio nos casamentos católicos seria expedita e discretamente resolvida (demorara anos a negociar com o Estado Novo na década de 30!)\* em 1975, sem se tocar numa linha do resto da Concordata. O velho texto contraditório de 1940, apesar de manifestamente ultrapassado pelas novas realidades da democracia, da laicidade e da descolonização, ou seja, apesar de manifestamente inconstitucional, manter-se-ia imperturbavelmente em vigor por mais cerca de 30 anos.

Digo isto porque esta aura de privilégio e intocabilidade que a Igreja Católica logrou preservar e herdar dos tempos do neo-regalismo funcional do Estado Novo se reflecte, de alguma maneira, não só na investigação e na produção historiográfica até aos nossos dias, como a vários níveis da nossa vida cívica. Ainda hoje são pouco frequentes — ainda que venham existindo em quantidade e qualidade crescentes — as investigações sobre a Igreja Católica e a sua história exteriores à iniciativa dos centros de investigação da própria Universidade Católica. Mas bem para além disso, ainda hoje, desde o protocolo de Estado aos protocolos municipais, à permanência dos crucifixos em muitas escolas, ao regime preferencial na assistência religiosa militar ou hospitalar, até à presença em cerimónias públicas, essa espécie de complacência do Estado laico face

\* Cf. Rita Carvalho, *A Concordata de Salazar. Portugal — Santa Sé 1940*, dissertação de doutoramento em História Institucional e Política Contemporânea apresentada na FCSH da UNL, Lisboa, 2010. Texto policopiado.

às violações do princípio de separação e do tratamento igualitário das igrejas é uma atitude de todos os dias.

É a propósito disto que vem Fátima e se torna oportuno falar deste livro do Luís Filipe Torgal. Dir-se-ia, é certo, que os católicos são absolutamente livres — e creio que mesmo no interior da Igreja Católica têm essa liberdade de opção — de considerar ou não os acontecimentos fatimistas de Maio/Outubro de 1917 como miraculosos. O que é menos compreensível é que o Estado português (ou algumas das suas instituições), constitucionalmente laico, se tenha quase associado, como se fosse um acontecimento nacional, ao cerimonial e ao espanto religioso que rodeou a canonização de alguns intervenientes nesse episódio. Aliás, Fátima é um termo quase tabu para quem procure abordar a questão à margem ou para além do discurso oficial da hierarquia católica. A bibliografia, académica ou não, que se procura situar fora da ortodoxia fatimista (e não necessariamente contra), que recuse dicotomias maniqueístas fáceis, que busque o ponto de vista histórico e crítico sobre o contexto de produção do fenómeno e dos seus aproveitamentos, essa bibliografia é ainda escassa. Como se se temesse remar contra o peso do oficialismo.

É nesse sentido que a obra de Luís Filipe Torgal, agora em nova edição, deve, desde logo, ser saudada. É uma obra corajosa, um trabalho rigoroso e desapaixonado, baseado numa investigação exaustiva e persistente sobre a forma como a hierarquia católica foi construindo, primeiro, e usando, depois, ao longo do século, o «milagre de Fátima» com o objectivo de transformar o lugar e a alegada epifania num pólo ideológico de «recristianização» de um Portugal doente e afastado dos caminhos da fé pelo ateísmo e anticlericalismo republicano.

Numa primeira fase, Fátima é um pólo da cruzada pela restauração do país cristão que corre a par e em estreita ligação política e ideológica com a reacção nacionalista e antiliberal, com a redescoberta da tradição e dos valores eternos da nação orgânica operada pela Revolução Nacional e pelo advento do Estado Novo salazarista. A partir da segunda metade dos anos trinta, sob os ventos da Guerra Civil de Espanha, Fátima torna-se um símbolo internacional: o pólo de «irradiação moral» da resistência ao comunismo, o centro espiritual cristão dessa «luta da civilização contra a barbárie», já plenamente

reconhecida e apoiada como símbolo cimeiro do culto mariano por Roma e pelo papa. Escusado será dizer que a Guerra Fria e o múnus de Pio XII a confirmarão e reforçarão nesse papel ao longo dos anos cinquenta.

Luís Filipe Torgal vem enriquecer com esta obra a bibliografia académica sobre Fátima e os seus «milagres». Não tanto para os discutir em si mesmos ou a sustentabilidade das versões, por vezes contraditórias ou paradoxais, que sobre os factos se foram tecendo, mas com o fito de analisar historicamente a evolução do discurso de apropriação de Fátima por parte da Igreja Católica. E por essa forma nos revela como o providencialismo mariano se torna, ao longo da primeira metade do século xx, um argumento instrumental da luta política e ideológica que divide e abala o país e o mundo. Como se a transcendência, também ela, não pudesse (e não quisesse) fugir às escolhas decisivas do seu tempo.

Lisboa, Novembro de 2010  
FERNANDO ROSAS

## NOTA DE APRESENTAÇÃO

Este livro foi inspirado na dissertação de mestrado em História Económica e Social Contemporânea que apresentei na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em Março de 2002. Em Novembro desse ano, esta tese deu logo origem a uma primeira publicação feita pela editora Temas e Debates, com o título *As «Aparições de Fátima». Imagens e Representações (1917-1939)*. A divulgação das ideias substanciadas no livro e, sem dúvida, o interesse mediático do tema originaram sucessivos pedidos que fui recebendo, ao longo destes últimos anos, manifestados por pessoas de facto interessadas em adquirir a obra, entretanto desaparecida. Tais pedidos e, passe a imodéstia, a minha convicção de que o livro constitui ainda hoje um dos escassos títulos publicados no país que pretenderam fazer uma análise histórica de algum fôlego sobre o processo das aparições e do culto de Fátima durante os seus primeiros vinte anos, incentivaram-me a propor à Tinta-da-china a publicação de uma outra edição.

Permitam-me insistir num esclarecimento: este livro é uma versão revista e substancialmente actualizada da sua edição original, porquanto nela foram depuradas antigas gralhas, introduzidas importantes alterações e muitos aditamentos, foi escolhido um novo título, elaborado um novo texto de conclusão e editados vários anexos que contêm alguns documentos fundamentais sobre Fátima.

A opção pela escolha de um novo título — «*O Sol Bailou ao Meio-Dia*». *A Criação de Fátima* — tem como propósito destacar, porventura de forma mais impressiva, o espírito do livro. Impõe-se aqui esclarecer que a primeira expressão vertida neste título (aqui grafada entre aspas) pertence ao jornalista Avelino de Almeida, que, no jornal *O Século* de 15 de Outubro de 1917, assinou talvez a mais vibrante e emblemática de todas as narrativas publicadas nos *media* sobre Fátima, reproduzindo o que ele próprio terá visto e ouvido na Cova



da Iria, naquele memorável dia 13 de Outubro de 1917. O subtítulo, inspirado, concomitantemente, num conceito cósmico e bíblico, mas também num título da obra de Miguel Torga (*A Criação do Mundo*), pretende remeter o leitor para a origem do culto de Fátima e, sobretudo, para a questão fulcral que atravessa todo este livro: o processo da sua construção.

Valerá a pena acrescentar que a sempre sedutora questão das *aparições* e do culto de Fátima readquiriu hoje excepcional actualidade, porquanto o seu santuário foi, em 13 de Maio de 2010, o epicentro de uma nova peregrinação papal, e também porque Portugal se encontra ainda a comemorar o centenário da proclamação da Primeira República — afinal, o complexo e controverso regime que moldou a conjuntura nacional de 1910-26, onde despontaram as alegadas manifestações epifânicas da Cova da Iria.

Por fim, gostaria de agradecer ao Professor Rui Cascão a orientação da tese de mestrado, que constituiu a origem desta obra, e ao Professor Fernando Rosas, por se ter logo disponibilizado para prefaciá-lo este livro. E devo também agradecer ao meu amigo, colega e antigo aluno, Renato Nunes, a leitura meticulosa que fez do texto apresentado à editora e que permitiu ainda detectar e depurar alguns lapsos e gralhas; ao meu amigo e colega Nuno Teixeira, pelas suas sempre pertinentes sugestões literárias; ao Arquivo do Santuário de Fátima — nas pessoas do director do SESDI, Dr. Luciano Cristino, e do responsável pelo departamento de Arte e Património/Museu do Santuário de Fátima, Doutor Marco Daniel Duarte —, por ter autorizado a publicação de duas fotografias editadas na extinta revista *Ilustração Portuguesa* (29-10-1917) cujos *clichés* mais tarde transitaram para a posse do Santuário de Fátima; ao Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra (CEIS20), coordenado pela Professora Maria Manuela Tavares Ribeiro, pela minha integração nos seus projectos de pesquisa; ao Doutor Luís Bigotte Chorão e, de novo, ao Professor Fernando Rosas, por se terem empenhado generosamente na edição deste livro; e, evidentemente, à directora editorial da Tinta-da-china, Dra. Bárbara Bulhosa, por ter acreditado na publicação deste título.

É indiscutível que a idade transforma a nossa maneira de percep-

cionar e equacionar o mundo. Dito de outro modo: hoje, certamente, não teria dado a este livro a mesma redacção e estrutura; porém, continuo a subscrever as grandes linhas de orientação, reflexões e conclusões que dão corpo ao texto que a seguir se apresenta.

Oliveira do Hospital,  
7 de Setembro de 2010

---

*Permitam-me anexar uma brevíssima nota final escrita já neste ano de 2017: Fátima completa cem anos. Eis o momento adequado para relançar um debate público, despido de tabus e preconceitos, que deverá, fundamentalmente, equacionar o tema à luz de um discurso historiográfico. Creio que a nova vida concedida, em boa hora, a este livro pela Tinta-da-china, pode resgatar argumentos substanciais para esse debate. Porquanto, tenho a convicção que, desde 2002 e 2011 (datas da 1.ª edição e da 2.ª edição revista e actualizada desta obra) até hoje, não foram ainda publicados livros acerca da História de Fátima que refutem as conclusões essenciais aqui apresentadas ou tão-pouco que revelem ideias novas edificadas a partir da consulta de documentos inéditos.*

Oliveira do Hospital,  
31 de Janeiro de 2017



Cova da Iria, no dia 13 de Outubro de 1917 (foto de Judah Bento Ruah, gentilmente cedida pelo Arquivo do Santuário de Fátima).

## INTRODUÇÃO

Entre Maio e Outubro de 1917, numa depressão elíptica da Serra de Aire conhecida por Cova da Iria — próxima da localidade e paróquia de Fátima, sita no concelho de Ourém, distrito de Santarém e, naquela época, pertencente ao patriarcado de Lisboa —, ocorreu uma sucessão de manifestações de índole teofânica que foram consagradas, pelo juízo popular e pela imprensa, como *aparições* (marianas) ou *milagres* de Fátima. O lugar adquiriu, durante a década de 20 do século passado, a dimensão de importante santuário católico nacional. A partir de meados dos anos 30, constituiu-se como pólo central de atracção e irradiação do catolicismo português. Sobretudo desde os anos 40, assumiu mesmo, segundo os seus arautos e promotores, o epíteto e estatuto de «altar do mundo». E, hoje, Fátima conquistou um consenso social e político tão eloquente que se converteu num tema quase proibido para quem pretenda analisá-lo à margem do discurso oficial da Igreja Católica.

Ora, o ensaio aqui apresentado não pretende debater o conteúdo teológico da presumível «mensagem mariana» transmitida na Cova da Iria, nem tão-pouco resolver o dilema da autenticidade/falsidade destas aparições. Penso, aliás, que este apaixonado e labiríntico debate, aberto e polarizado, sobretudo durante a Primeira República, entre os cépticos republicanos (inspirados nas doutrinas positivistas) e os crentes católicos, na ausência de novas provas documentais fidedignas e contundentes, será sempre inconclusivo e propício aos mais diversos exercícios especulativos.

O meu propósito foi antes o de procurar analisar, dentro de critérios metodológicos pautados por uma intenção de objectividade histórica, outras vertentes do intrincado processo da Cova da Iria, a partir de questões fundamentais que, de certo modo, inspiraram e

LUÍS FILIPE TORGAL é professor no Agrupamento de Escolas de Oliveira do Hospital, mestre em História Económica e Social Contemporânea e doutorado em Estudos Contemporâneos pela Universidade de Coimbra, onde é investigador do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20). Publicou *Tomás da Fonseca, Missionário do Povo. Uma biografia*; organizou e prefaciou a reedição do livro de Tomás da Fonseca *Na Cova dos Leões – Fátima: Cartas ao Cardeal Cerejeira* e a antologia *Religião, República, Educação*, que reúne textos do mesmo autor. Colaborou nas obras *História de Portugal em Datas*, *História Comparada – Portugal, Europa e o Mundo*, *Dicionário Biográfico Parlamentar (1935-74)* e *Dicionário de História da I República e do Republicanismo*. Publicou, em co-autoria, o livro *Machado Santos (1875-1921) – O Intransigente da República*. Proferiu algumas conferências em Portugal e no Brasil. É autor de diversos artigos publicados em blogues, revistas e jornais locais e regionais, nacionais e estrangeiros.

---

# O SOL BAILOU AO MEIO-DIA

*foi composto em caracteres Hoefler Text e impresso pela Guide, Artes Gráficas, em papel Coral Book de 80 gramas, no mês de Março de 2017.*